Bem-Te-Vi
DEZEMBRO DE 1940
FELIZ
NATAL

A MÃE DOS ASNOS

As aulas de uma escola rural tinham terminado; por isso, as crianças foram saindo, alvoroçadas e cheias de alegria, formando pequenos grupos ruidosos, antes de seguirem para suas casas.

Nessa ocasião, elas viram, na estrada que passava em frente à escola, uma velha montada num asno; com um chicote comprido, ela ia tocando mais quatro asnos que iam trotando, na frente.

Ao dar com essa cena, um dos meninos, dêsses mal educados que a ninguém respeitam, gritou-lhe em ar de troça: "Bom dia! Bom dia! mãe dos asnos!"

Os outros meninos acharam graça; puseram-se a rir e repetiram, gritando em conjunto: "Bom dia! Bom dia! mãe dos asnos!"

A velha encarou-os, sorridente, e respondeu-lhes em voz bastante clara: "Bom dia! Bom dia! *meus filhinhos*!"

Os meninos sentiram-se repelidos e castigados por aquela resposta irônica e espirituosa, que muito bem compreenderam; calaram-se, envergonhados e convencidos de terem recebido tão oportuna e bem merecida lição de educação, a qual nos ensina a respeitar os mais velhos e a tratá-los com bondade e consideração, quem quer que êles sejam.

Respeita os velhos e trata-os com bondade; lembra-te sempre de que chegará o dia em que serás um dêles, se viveres até lá.

Ia uma pobre velhota
Com dois burrinhos à mão!
Passa um bando de estudante,
Turbulento e folgazão.

"Bom dia, mãe dos jumentos!"
Grita um do bando, a troçar.
"Bom dia, querido filho!",
Diz a velha, sem parar.

(Adaptado)

Oh! como riram os outros!
Como acharam divertida,
Da velha, aquela resposta
Com a lição nela contida!

Pelo céu vai uma nuvem,
Todos dizem: bem n'a vi.
Todos falam e murmuram,
Ninguém olha para si.

C. Campos

Se queres gozar a fama
de honradez, finura e gôsto,
não passes onde haja lama
capaz de sujar-te o rosto.

Renato Travassos

Como está o burro ao meio dia?

Francisco E. de Aquino Leite,
Lente aposentado do Ginásio
de Ribeirão Preto.

Bem-Te-Vi

ANO XVIII ★ REVISTA MENSAL — matriculada conforme o decreto 24.776 de 14 de Julho de 1934. ★ NUM. 12

Gerente responsável: — Fernando Buonaduce

Redação: Av. Condessa de São Joaquim, 155
Oficinas: Rua da Liberdade, 659

Assinatura anual 10$000
Número avulso . 1$000

Tôda a correspondência deve ser enviada à Gerência do "Bem-Te-Vi"—Caixa Postal, 3120—S. Paulo

Diretor: Afonso Romano Filho

• São Paulo, Dezembro de 1940 •

Redatora: Antonieta Gonçalves Gilioli

O que os homens estão esquecendo

— Mamãe, o Bem-te-vi chegou! Que bom! Veja mamãe, que linda a capa dêste mês!

—Deixe-me ver. E' mesmo, filhinha. E' muito bonita.

—Que engraçado! Agora é que estou reparando bem. Os passarinhos comemorando o Natal.

Veja só! Vinte e nove eu contei.

Cada qual mais entusiasmado que o outro. Olhe êste daquí, tirou o chapéu... e aquele alí até fechou os olhos para cantar e aqueles que ainda vêm vindo...

— Sabe, minha filha, isto é uma boa lição para nós.

— Por que?

— Sim, filha, é uma boa lição. Os homens não podem comemorar o Natal.

— Por que mamãe?

— Porque não têm tempo e já nem sabem compreender o que é o Natal. Estão esquecendo o que de melhor possuem.

— Como assim? Não entendo, mamãe. Vejo que todos se preparam para as festas de Natal; as lojas e vitrinas estão mais do que enfeitadas...

— Você é criança ainda, meu bem, e não compreende. E' o espírito do Natal que está sendo esquecido. Festas não faltam. Mas vejamos. No Natal comemora-se o nascimento de quem?

— De Jesús.

— Muito bem. E quando Jesús nasceu a terra recebeu de Deus o mais valioso dos presentes—o seu próprio Filho. Jesús nasceu. "*Gloria a Deus nas maiores alturas, paz na terra e boa-vontade para com os homens*", eis como cantaram os anjos. Que lindo deveria ser! Quem era essa criança tão extraordinária que até os anjos anunciaram o seu nascimento?

Era Jesús. Era o Amor de Deus proclamado ao mundo. Jesús viera para nos levar ao céu e para nos ensinar a viver bem. E sabe que nos ensinou? "*Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam...*". "*Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração e ao teu próximo como a ti mesmo*". E no dia 25 de dezembro, comemorando o nascimento de Jesús, devemos mostrar-lhe nossa gratidão, *amando* o próximo.

Mas, infelizmente muitos estão *odiando* o próximo e não *amando;* estão até matando-o. Não é triste passar o Natal assim? Que melhor presente quererá Jesús receber pelo seu aniversário se não um coração disposto a fazer o que êle ensinou?

— Nisso eu não tinha pensado, mamãe.

— Pois é, minha filha. E aí estão os passarinhos a louvar a Deus! Não é mesmo uma boa lição?

MILAGRE DE NATAL

(Uma sala com mesa, cadeiras, um divã ou sofá, flôres, bibelôs, etc. Helga, viúva, com ar tristonho, assentada.)

HELGA (**sòzinha**) — Hoje, véspera de Natal! Há vinte dias, como tudo era diferente! Oscar, dileto e inesquecível companheiro, ao meu lado, planejava um Natal radiante de felicidade para a nossa querida Helí, o anjo louro do nosso lar. Inesperadamente êle partira para a eternidade, deixando-nos a mim e a filhinha nesta solidão! Véspera de Natal! Terei fôrças para realizar sòzinha os planos que fizemos juntos?! Como é vazio meu coração! Quanto dói a saudade! A casa é tão triste sem o meu Oscar! (**Escuta**) — Ouço passos; aí vem Helí; ela ainda não compreende a intensidade da dôr! Sejamos forte para não entristecer aquele coraçãozinho puro, ainda em botão! Que o Natal me proporcione ao menos a alegria de ver feliz a filhinha de minh'alma, o anjo de minha vida!

HELÍ (**entra correndo, abraça-se ao pescoço de mãe, fazendo-lhe carícias**) — Mamãezinha linda, eu gosto muito de você, muito e muito... (**beija-lhe o rosto**) — Tenho sono, mamãezinha... quero dormir... esperar o Papai Noel, aquele velho de barbas grandes que visita as crianças nas vésperas do Natal... é nesta noite que êle deve passar... êle deve saber tanta coisa!... ah! mamãe, vamos dormir depressa, depressa...

HELGA — Vamos dormir, sim, filhinha, dormir e sonhar com a linda noite de Natal! Sonhar com o lindo Jesús que era também pequenino, bem pequenino numa noite como esta! Sonhar com o querido papaizinho que está lá em cima com Jesús, passando um Natal maravilhosamente lindo com anjinhos louros e meigos como você, minha flôr! (**Aperta a criança contra o coração em atitude de desabafo.**)

HELÍ — Mamãe, você está muito triste sem o papai? Eu também tenho saudades dêle; papai não volta mais...

HELGA — Estou triste sem o papai, mas você está comigo, e isso me alegra o coração; um dia, Helí, nós duas iremos para onde êle está! E que belo Natal passaremos juntos! O côro dos anjos!... a árvore de Natal... tudo, tudo tão brilhante!... (**Enquanto fala, passa a mão pelos cabelos da criança que aos poucos adormece.**)

HELÍ (**quasi dormindo**) — Papai... está lá... o Natal... Papai Noel... Jesús... (**dorme**).

(PANO

(**A mesma sala; ouve-se em surdina o "Noite Feliz"; percebe-se ruído de quem força uma porta ou janela; surge um homem barbado, de má catadura; anda com cautela, examinando os objetos da sala e recolhendo alguns nos bolsos; ouve-se um barulho fóra da sala, e passos leves que se aproximam; o ladrão empunha a arma em atitude de defesa; aparece então, Helí, vestida com uma comprida camisola branca, tendo os cabelos em desordem como quem sai da cama. O ladrão ao ver a pequena, comove-se, sente as pernas tremerem tanto, que para não cair, apoia-se numa cadeira; esconde imediatamente a arma.**)

HELÍ (**entrando de mansinho, com o dedinho nos lábios, em atitude de silêncio, chega-se ao ladrão e olhando-o bem de frente**) — Você é o Papai Noel, não é? Quando a mamãe me pôs na cama, eu fingí que dormia, para vir esperar você, Papai Noel... Eu quero que você, quando voltar para o céu, diga ao papai que sem êle, a casa é muito triste e que eu e mamãe sentimos enormes saudades dêle...

LADRÃO (**olhando bem de frente a criança, fica pensativo e passa a mão pela testa como quem afasta lembranças dolorosas; pouco a pouco, põe-se a conversar**

com ela) — Menina, que vai fazer amanhã, no dia de Natal? Onde está a árvore tôda cheia de velinhas e brinquedos?

HELÍ **(tristonha)** — Íamos ter uma árvore linda, linda! Mas o papai já não está e a mamãe anda tão triste... ficamos sem nossa árvore... **(outro tom)** Mas Papai Noel, onde está a sacola de brinquedos? Você já os distribuiu todos?

LADRÃO **(embaraçado)** — E'... os brinquedos... Você tem uma boneca bonita que diz "mamã", não é? E uma porção de coisas lindas... menina... que cabelos de ouro você tem! E seus olhos... como são azues!... Conte-me o seu programa de Natal.

HELÍ **(confiante)** — Você gosta de versos? Vou recitar os versinhos que papai me ensinou para o dia de Natal. **(Recita com entusiasmo.)**

Aquí dentro do meu peito,
Bate meu coraçãozinho.
Bate, bate, bem direito,
Bate, bate, de mansinho.
E batendo de mansinho,
Cheio de amor e de luz,
Meu lindo coraçãozinho
Pertence todo a Jesús.

(Abraçando-se àquele homem passa-lhe as mãozinhas pelos cabelos.)

Papai Noel, você sabe contar histórias? Você que vem de tão longe, conhece tanta coisa, deve saber histórias bonitas! Conte-me uma agora mesmo, sim? **(Dá-lhe um beijo na testa.)**

LADRÃO **(Pondo a menina no colo, começa muito meigo).** — Era uma vez um homem muito perverso. Certa noite, véspera de Natal, êle entrou numa casa para roubar. Encontrou-se, porém, com um lindo anjo louro, de olhos azues, que, sorrindo, se pôs à sua frente, impedindo-o de praticar a má ação que planejara...

HELÍ **(interrompendo curiosa)** — Um anjo? E como se chamava êle, Papai Noel?

LADRÃO — Os anjos não têm nome, pequena; basta saber que o anjo salvou o ladrão e... **(a criança, sonolenta, ajeita-se nos braços de "Papai Noel", conservando nos lábios um sorriso. A visão da criança adormecida em seus braços, comove-lhe a alma e põe-se a soluçar baixinho, murmurando)** — Meu lar abandonado... Minha espôsa morta de desgôsto... minha filhinha entregue a mãos extranhas... eu que devia ser um espôso dedicado e um pai extremoso, sou um ladrão, um criminoso... (Chora) Como sou louco! **(Treme de horror!)** Poderá Deus perdoar-me, a mim, tão grande criminoso? **(De cabeça baixa, pensa em atitude humilde; depois, erguendo o lhar ao céu)** — O" Deus, Pai dos aflitos e caídos em pecados; olha para mim; tem misericórdia dêste que implora o teu perdão... **(Pende a cabeça e logo a levanta, calmo, sereno; enquanto isso, ouve-se uma música em surdina, piano ou violino; ao som da música:)** — Oh! Que paz vai na minh'alma! Sinto o perdão divino! Que doçura! **(Aperta a criança contra o coração e a deita cuidadosamente sôbre o divã; ajoelha-se ao lado, olha-a tornamente e depois, beijando-lhe as mãozinhas, diz baixinho:)** — Obrigado, linda menina, anjinho enviado por Deus para me indicar o caminho do céu! Destruiste em mim o monstro que me incitava a roubar e a matar!... Mostraste-me um novo caminho! Hei-de seguí-lo até o fim, custe o que custar... **(Retira-se cauteloso, depois de repor os objetos nos respectivos lugares).**

(PANO)

(Uma sala de cultos; bancos; pessoas que entram para o serviço religioso; o pastor à frente, no seu lugar; todos devem trazer bíblias e hinários. Ouve-se o repicar dos sinos. Entra Helí, com ar feliz, pela mão de Helga, de preto, tristonha; tomam assento na frente).

PASTOR — Cantemos o hino... **(Cantam de pé, com entusiasmo, atenção e devoção. Não percebem um homem (o ladrão) que entra receioso e hesitante, sentando-se atrás. O pastor abre a bíblia e lê a passagem do nascimento de Jesús; todos o acompanham em suas bíblias. O ladrão só desvia os olhos do prègador para fitar a criança loura. (O pastor, após a leitura)** — Entoemos aínda o hino....

(A congregação assenta-se).

PASTOR — Hoje, noite de Natal! Qual será a dádiva mais preciosa para depositarmos aos pés de Jesús, como fizeram os pastores e os reis magos na noite maravilhosa em que brilhou a estrêla de Belém? — O nosso coração — essa é a dádiva mais preciosa a Jesús. Levantemos nosso olhar até o trono da graça e peçamos a Deus que nos ajude a levar adiante o propósito de O servir com mais amor e dedicação. Ajoelhados, oremos. Qualquer pessoa tem oportunidade de orar. **(Ajoelham-se).**

LADRÃO **(Vai até à frente, ajoelha-se ao lado de Helí e, fronte voltada para o céu, ora)** —

Senhor! Eu te falo em oração, a linguagem que tive a ventura de conhecer nêste dia lindo de Natal! Eu me rendo à Tua infinita misericórdia, suplicando-Te, humildemente, que me perdôes os pecados! Senhor! Eu Te suplico que me ensines a Te amar e a amar o meu próximo! Eu Te suplico que me guies, hoje e eternamente, no caminho do Bem e da Virtude!

Adaptação feita por

Hagar A. Caruso.

A PORTA AZUL

Chiquito acordou com o barulho de panelas na cozinha. Virou na cama e puxou mais as cobertas porque o frio era intensíssimo.

Então êle se lembrou!

Lembrou-se de que estava num Orfanato e de que nenhuma das visitas do dia anterior o havia escolhido para passar o Natal em sua companhia. Sim, lembrou-se como êle ficara na janela, quasi a chorar, desejando ser convidado por alguém. De repente, sentiu que o tocavam de manso no ombro. Voltou-se e deu com uma senhora idosa, de olhos azues, ao seu lado, acompanhada pela diretora do Orfanato.

— Bom dia, disse-lhe Chiquito, um tanto embaraçado.

— Oh! Estou contente por aínda haver encontrado aquí um menino, disse a senhora, sorrindo.

— Está vendo, Chiquito? Ela veiu buscá-lo para passar o Natal em sua casa, explicou-lhe a diretora.

O òrfãozinho deu um pulo e, em dois minutos, estava pronto. Seria possível?! Estaria sonhando aínda?

A boa velha ajudou-o a arranjar a maleta e êle mesmo a carregou.

Tomaram o bonde e depois o ônibus. Pouco conversavam. Chiquito sentou-se pertinho dela, imaginando pertencer-lhe. Fazia anos que êle não era de ninguém. De vez em quando um olhava para o outro e sorria. Afinal desceram e ela disse:

— Siga a Vózinha e tome cuidado para não cair, pois está chuviscando.

De repente, por entre a neblina avistaram uma casa pequena, onde pararam.

— E' aquí, meu rapazinho, vamos entrar logo, que o frio está forte.

Enquanto a Vovó procurava a chave na bolsa, Chiquito reparou que a porta era azul. Há muito tempo, quando êle aínda tinha sua mamãe, ela lhe havia contado uma história de uma porta azul, pela qual todos que passavam, haviam encontrado a felicidade.

A casa estava escura, mas as brasas no fogão, tornavam-na acolhedora. Vovó pôs mais carvão e ergueu logo a chama. Acendeu o lampeão, o que foi uma novidade para o menino. À sua luz viu a mobília antiga, como a própria senhora.

— Agora vamos comer um pouco.

Só então Chiquito percebeu estar com fome. Pedindo-lhe licença, ajudou-a a pôr a mesa. Sentaram-se e Vovó deu graças:

"Senhor Deus, graças te dou por êste alimento e pela companhia dêste rapazinho. Em nome de Jesús Amém."

Ao anoitecer, Vovó levou-o a uma cama alta, muito gostosa. Cobriu-o tão bem e com tanto carinho que o menino ficou a pensar — "Será que já teve algum filhinho dela mesmo?"

No dia seguinte, quando Chiquito acordou, ouviu na cozinha barulho de panela. Vestiu-se depressa e foi dar "bom dia" àquela senhora tão boa. A mesa estava pronta. Tomaram café com leite, comeram um bom prato de mingau de aveia e conversaram sôbre os planos do dia. Era véspera de natal. Lá fora o frio estava rigoroso. Prepararam-se para sair à procura de uma árvore de natal. Novamente Chiquito olhou bem

para ver se a porta era mesmo azul. Sim, azul da côr do céu.

Não lhes foi difícil encontrar um pinheirinho. Vovó o cortou e Chiquito o arrastou para casa, cuidando de não arranhar a linda porta azul ao passar por ela, de regresso. O resto daquele dia passaram arranjando os enfeites para a árvore. Chiquito sentia-se realmente feliz. Trabalhou alegre e satisfeito. Em dado momento, disse:

— Vovó, esta é a primeira vez que ajudo a preparar um Natal!

Ela sorriu e respondeu:

— E' assim mesmo, meu rapaz, é aquilo que fazemos com nossas próprias mãos que nos traz felicidade.

A árvore estava um primor. Bem no alto puseram uma estrêla de papelão, coberta com papel prateado. Depois de tudo preparado, sentaram-se ambos perto do fogo. Contemplando a árvore, sorriam entre si.

Era véspera do Natal. Então a Vovó pegou em um livro e, tomando nas suas as mãos do menino, perguntou-lhe:

— Chiquito, você conhece a linda história do Natal?

Êle a conhecia muito bem, pois sua mãe sempre lhe contava as histórias que nunca envelhecem. Todavia ansiava por ouví-la novamente. E a boa senhora, com muito amor, repetiu-lhe a história dos Três Reis Magos, dos Pastores que ouviram o canto dos anjos, e da Criancinha que nasceu em Belém. Como fazia tempo e como parecia tão perto! Ao falar do menino Jesús a senhora teve palavras de tanta ternura que Chiquito lhe perguntou no fim:

— Vózinha, a senhora nunca teve um filhinho, seu de verdade?

Por um momento ela não respondeu. Depois disse:

— Venha comigo.

E, acendendo um lampeão, levou-o a um quartinho no segundo andar. Abriu a porta. Entraram. Chiquito viu no chão uma enorme bola; havia

também uma caminha, uma estante de livros, uma mesa e uma cadeira.

— Está vendo, Chiquito? Uma vez eu tive um filhinho todo meu. Aí estão aínda suas coisas. Faz tanto tempo! Mas um dia êle partiu... foi morar com os anjos. Sofrí muito... de saudades dêle.

E, não querendo demorar-se em tais recordações, deixaram o quarto. Chiquito percebeu sua tristeza. Então começou a falar sôbre outras coisas. Chegando a hora de se deitar, Vovó levou-o à cama, deu-lhe "boa noite" e um beijo. E o menino lembrou-se de que o dia seguinte era Natal. Oh! Se ao menos tivesse um presentinho para dependurar na árvore para ela, que lhe proporcionara um dia tão feliz, além da alegria de passar o Natal em sua companhia! De repente teve um pensamento. Pulou da cama, pegou o paletó e apalpou o bolso. Ah, sim, lá estava, não se separavam nunca. Cuidadosamente colocou-o debaixo do travesseiro e adormeceu com um sorriso nos lábios.

Quando acordou, já era dia claro. Vestiu-se, pegou o presentinho de debaixo do travesseiro e foi à sala. Estacou confundido. A árvore estava coberta de presentes!

Vovó chegou, dizendo-lhe: "Bom Natal, boas festas, Chiquito".

Começaram a abrir os pacotes. Vendo-se no meio de tantos brinquedos, ia-se esquecendo até de que Vovó também deveria ganhar um. Acanhadamente, tirou do seu bolso o objeto bem amado e lhe deu.

— Um broche de ouro, meu menino? disse ela, tomando-o para ver. Era de sua mãe, meu bem?

— Sim, vovó, era dela. Queria dar-lhe como presente de Natal. A senhora tem sido tão boa para mim... e isso é tudo o que lhe posso dar... a senhora vê... lembrei-me tanto de mamãe nestes últimos dias.

E, comovido, nada mais pôde dizer.

— Ah! meu companheirinho, farei tudo para ocupar o lugar de sua mãe, se você ficar comigo para sempre.

Estreitou-o nos braços e por uns momentos, ambos choraram de alegria e comoção.

— E' como se o meu próprio filho revivesse, disse Vovó.

E Chiquito acrescentou:

— Bem que mamãe sempre falava que a porta azul traz felicidade.

NATAL

Em memória de Evangelina França.

Ascende sôbre o horizonte,
Anunciando o Sumo-Bem,
A estrêla que doura o monte —
Atalaia de Belém.

Aos ouvidos do pastor
Doce canto vem dos Céus;
E' nova de puro amor:
Nasceu o Ungido de Deus!

Pobres, ricos, peregrinos,
Prestam-Lhe grande homenagem;
Os pássaros cantam hinos,
Perfumes lhe traz a aragem.

E nós, crianças, que vemos
Dessa estrêla a doce luz,
Juntas, alegres, cantemos
Hinos de amor a Jesús!

E. T. Amorese.

Os seis médicos das férias ★

Distribuição de SPES de S. Paulo.

Poucas pessôas sabem que podemos ter à nossa disposição, quando entramos em férias, nada menos de seis médicos. que todos seis possuem uma clínica universal, fornecendo aos seus clientes — sem lhes cobrar nada — tanto a receita como o remédio. Basta para isso o trabalho de procurá-los, sendo cada um de nós imediatamente atendido, por todos seis ao mesmo tempo.

Estes seis médicos da Natureza são os seguintes:

ÁGUA — LUZ — AR — REPOUSO EXERCÍCIO — REGIME.

Vejamos, sumariamente, o que cada um dêles pode fazer por nós.

Primeiro o :Doutor Água" — Tôdas as coisas vivas precisam dêle, em tôda a parte. O banho e as abluções constituem a base da existência humana, conquanto devem ser observadas algumas precauções, pois há sério risco em tomar um banho antes que tenham decorrido duas horas depois de uma refeição mais ou menos abundante. No mar os primeiros banhos devem ser rápidos.

Isso pelo lado de fora. Pelo de dentro, a água deve ser a bebida principal.

O "Doutor Luz" é o maior purificador do mundo. Sempre nos sentimos especialmente bem nos dias de grande sol, mas não convém abusar dos seus raios diretos sôbre a pele nua, conquanto seja uma questão pessoal a maior ou menor adatação neste sentido.

O "Doutor Ar" entra de tal modo na nossa existência, por fora e por dentro do organismo, que geralmente nem temos conciência de que êle existe e tantos benefícios nos presta. Respiremos sempre ar puro e tomemos— ou conservemos — o costume de dormir com a janela aberta.

Não esqueçamos, também, o "Doutor Repouso". Saber descansar é uma verdadeira arte e muitas pessoas devem o fato de viver longo tempo ao sadio costume de dormir bem. O melhor sono é o da noite. Aliás não se descanca apenas dormindo e sim também evitando qualquer agitação

A serenidade pode e deve ser cultivada.

O "Doutor Exercício" parece inimigo do "Doutor Repouso", mas isto não é verdade. Um e outro podem combinar-se muito bem. O grande segrêdo do exercício está em que êle deve ser diário e bem proporcionado.

Fecha a série o "Doutor Regime", que deve guiar todos os nossos hábitos de vida, principalmente no tocante à qualidade de nossa alimentação, muito mais importante, na maioria dos casos, do que a própria quantidade.

★ ★ ★

* * *

Aquí estão as crianças alegres, gozando as férias!

Estudaram bastante durante o ano e levaram para casa um boletim com boas notas. Seus pais ficaram muito contentes.

Agora estão divertindo-se. Vocês pensam que são só cinco? São nove! Procurem as outras quatro e depois dêem um colorido bem bonito ao quadro.

BRASILEIROS ILUSTRES ★ CARLOS GOMES

Morava em Campinas um velhinho chamado Manoel que gostava imensamente de música. Era o diretor da banda de música e por isso muitos o conheciam pela alcunha de "Seu Maneco Músico". Seu Manéco tinha 26 filhos, pois casara-se 4 vezes. Todos o conheciam e o estimavam não só por ser músico de mão cheia, pois sabia tocar todos os instrumentos musicais, mas também por ter muito bom coração!

Era exigente e enérgico para com os filhos. Todos êles tinham de aprender música e também um ofício, além dos estudos escolares. Assim é que entre os irmãos havia relojoeiros, agricultores, marceneiros, encadernadores, farmacêuticos, rabequistas, trombonistas, flautinistas e padres.

Dos 26 irmãos, dois havia, que eram muito unidos — José Pedro e Antônio Carlos. Êste, o Tonico, era um menino prodígio e a sua vida é que lhes vou agora contar.

Tonico era genioso mas de bom coração; gostava muito de música, e com especialidade do piano. Aos dez anos já tocava na banda dirigida por seu pai e até já tentava compôr alguma coisa no seu belo piano. À medida que os anos se passavam, mais conhecido se tornava êle entre o povo campineiro, pelo seu talento na música, pois o seu gosto era tal que chegou a tocar todos os instrumentos da banda.

Aprendera o ofício de alfaiate e porisso era exigente com sua roupa. Usava os cabelos longos e enrolados como as moças hoje e possuia uma linda dentadura como bem poucos.

Seu irmão José Pedro especializou-se em violino e Tonico, em piano, formando assim uma dupla admirável e muito apreciada que não deixava de abrilhantar as festas de Campinas. Daí ouvir-se dizer: "Festa aquí em Campinas, sem o concurso de Tonico e Juca, não é festa". Por aquí vocês vêm como êles eram estimados.

Tonico possuia uma linda voz de soprano lírico que depois se transformou em tenor, perdendo-se mais tarde por apanhar uma moléstia na garganta, ocasionada, talvez, pelo fumo.

Aos 20 anos compunha lindas músicas sacras, romances e fantasias, despertando a admiração do pai e do público. Três anos mais tarde apresentou ao povo de Campinas sua fantasia "Alta Noite" que foi assistida com grande alvorôço. O êxito obtido foi extraordinário e a idéia que faziam do talentoso moço foi confirmada.

O sucesso dessa noite animou os irmãos Gomes a darem um concêrto em S. Paulo. E pouco tempo depois rumavam os dois para a capital entusiasmados e animados pelos amigos, principalmente por Azarias Botelho. Hospedaram-se numa república de estudantes, onde havia um piano velho. Tonico compôs logo o "Hino Acadêmico" cuja letra foi escrita por um de seus amigos, Bittencourt Sampaio. Logo depois, outra, a modinha "Quem sabe" e assim outras mais.

O povo paulista via em Carlos Gomes, o tão conhecido Tonico, um prodígio, que deveria cursar no Rio o Conservatório Musical, então dirigido pelo autor de nosso hino nacional, Francisco da Silva. O talento de Carlos Gomes merecia ser aproveitado.

De S. Paulo volta êle a Campinas, cheio de novos planos para a ida ao Rio. Não obtendo, porém o consentimento de seu velho pai, resolve fugir; e fugiu mesmo. Os amigos o aconselham a perseverar e despedem-se dêle com lágrimas nos olhos. E Tonico, entre alegrias e apreensões, parte para o Rio, prevendo já um futuro brilhante.

Ao se despedir dos amigos, que eram Azarias Botelho, o irmão Juca, José Bonifácio, Rangel Pestana, Salvador Mendonça, Rodrigo Otávio, Campos Sales, Prudente de Morais e outros, disse: "Fujo agora, e só voltarei coroado de glória ou só voltarão meus ossos". Seguiu no vapor Piratininga e, por grande coincidência, o comandante tinha quasi o seu próprio nome, Carlos Antônio Gomes.

Chegou ao Rio com apenas $240 no bolso, único dinheiro que lhe restou do que lhe haviam dado os companheiros. Foi com cartas de apresentação e ficou em casa do pai de seu grande amigo Azarias.

Preocupava-o, porém, a maneira de como havia saido de casa — fugindo. Felizmente, com o passar dos dias, recebeu o perdão e novamente a bênção de seu velho pai, que se decidira ainda a dar-lhe 30$000 por mês, o que muito o alegrou, terminando a carta com estas palavras: "Trabalha e sê feliz". Entusiasmado Carlos senta-se ao piano e improvisa uma bela marcha triunfal.

No dia seguinte fala com o Imperador e consegue sua matrícula no Conservatório. O curso é rápido e glorioso, ultrapassando a todos os colegas.

No dia 4 de setembro de 1861, Carlos deveria fazer a representação de sua 1.ª ópera (Perguntem à mamãe ou ao papae, que é ópera). "A Noite do Castelo". O teatro fica repleto. Estão presentes as maiores autoridades do país e também —

seu pai. O sucesso foi estrondoso, maior que os anteriores. Ao terminar, Carlos Gomes desce do palco e vai até o lugar onde se acha o pai. Abraça-o e diz:

— Então, cumpri minha palavra, papai, está satisfeito?

— Oh! Sim, meu Tonico. Julguei morrer de alegria ao ver como em pouco tempo alcançaste tanta glória. Ah! Tivesse eu adivinhado... que sacrifícios não teria eu feito para te dar esta noite de glória!

E *seu* Manéco, o velhinho, deixa rolar pelas faces algumas lágrimas, num mixto de comoção e alegria. Os grandes músicos e as autoridades que assistiram à ópera, comentaram: "E' um gênio". "E' o 1.º brado de verdadeira arte no Brasil" e ainda seu mestre: "O que êle é, só a Deus e a si o deve".

Vejam, meninos, como Tonico era um prodígio! Êle não enterrou o seu talento, antes desenvolveu-o. Será que vocês, que sabem tocar algum instrumento, já tentaram compor, isto é, inventar uma música? E' o que Carlos, êste moço portentoso, fazia com a maior facilidade.

E assim foi êle caminhando para a glória. Logo mais fez representar sua 2.ª ópera nacional "Joana de Flandres". Com esta ficou o Imperador de tal modo impressionado que lhe ofereceu, de seu próprio bolso, 150$000 mensais para que êle seguisse para a Europa, ficando lá por 4 anos, aperfeiçoando-se cada vez mais. Iria para a Itália estudar no Conservatório de Música de Milão, cujo diretor era Lauro Rossi, grande maestro italiano.

Pelos brilhantes exames prestados foi consagrado "Maestro Compositore", e cada dia que se passava mais confirmada era, pelos mestres, a sua grandiosidade. E lá na Itália, inspirado pelo romance "Guaraní" de José de Alencar e impelido pela grande saudade de sua terra, o nosso Brasil, compôs a grande ópera "Guaraní". Mas, por que o livro o impressionou? E' que no seu romance J. de Alencar fala sôbre o Brasil, sôbre nossos índios e a sua vida. Foi assim: — Um dia, estando a tomar refresco num bar em Milão, ouviu o jornaleiro gritar: "Il Guarany, il Guarany, stória interessante di selvaggi del Brazile". Como não havia de o interessar? Mal sabia aquele menino jornaleiro que o que êle acabava de anunciar era como que a semente lançada em terra fertil... e o fruto veiu — a ópera com o mesmo nome, hoje conhecida quasi que no mundo inteiro. Foi isto em 1870. "O Guaraní, a-pesar-de composto em Milão, é uma obra que só retrata o nosso Brasil. Por isso é que o Guaraní, ao poder dos sons ora maviosos, ora impetuosos e selvagens, nos faz lembrar o gorgeio das aves no esplendor das nossas florestas magníficas, as nossas tribus. as nossas cidades, o nosso povo. Qual o brasileiro que ouvindo o Guaraní, não sente em si a exaltação do sentimento pátrio?!"

E vocês, queridos bem-te-vistas, já conhecem essa bela música? Se ainda não, peçam ao papai, à mamãe ou a sua professora que toque ou cante para vocês, pois todo o brasileiro deve têr gôsto e prazer em conhecê-lo. Ouçam bem:— Quando o Guaraní foi pela 1.ª vez representado no teatro Scala, havia mais de 3.000 ouvintes e mais de 200 maestros compositores; até seu irmão embarcou para assistir a êle. Carlos Gomes não deixou de ficar um pouco nervoso, mas dirigiu tudo magistralmente. O povo sentiu-se arroubado. As palmas e os aplausos não cessavam.

Foi mais um degrau na escalada para a glória. Ao terminar, Carlos Gomes, vitorioso mas exausto pelas energias gastas, corre para seu quarto, deita-se e diz consigo mesmo: "Venci, venci a batalha".

No dia seguinte o rei da Itália o nomeia *Cavalheiro da Ordem da Corôa da Itália.*

Recebe depois uma carta de Lauro Rossi encimada com as seguintes palavras: "Meu caro discípulo já mestre".

Carlos Gomes volta depois ao Brasil e aquí apresenta a mesma ópera Guaraní, no Rio de Janeiro, em seu aniversário natalício (2-12-870), estando entre os assistentes o próprio José de Alencar.

Depois, visita Campinas, para então retornar à Europa.

Muitas outras óperas o nosso patrício campineiro compôs: Fosca, Salvador Rosa, Maria Tudor, Escravo, Condor, Colombo; e inúmeras outras músicas de menos vulto, mas tôdas de grande sensibilidade artística. Não chegou a terminar muitas de suas óperas.

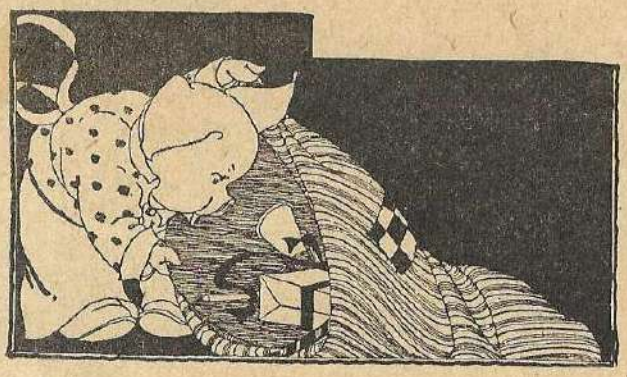
De volta, na Europa, sente a saúde abalada. Procura um especialista e diz: "Se é de morte o meu mal, quero ir morrer na minha terra". Foi operado, conseguindo depois viajar para sua terra natal, destino ao Pará, onde foi muito bem acolhido. Embora doente, ainda trabalhou bastante pelo Conservatório.

O seu mal (cancro na língua) vai-se agravando e a 16 de setembro de 1896, às 10 hrs. e 10 minutos da noite, depois de atrozes sofrimentos expira o maior gênio musical americano.

O seu corpo foi transportado para Campinas, seu bêrço natal, depois de uma permanência de 3 dias no Rio; e o navio que o trouxe recebeu o nome de Carlos Gomes. Pouco depois uma das praças da cidade recebe também o seu nome. E muitos monumentos foram, pouco a pouco, sendo erigidos em sua memória em vários estados do Brasil.

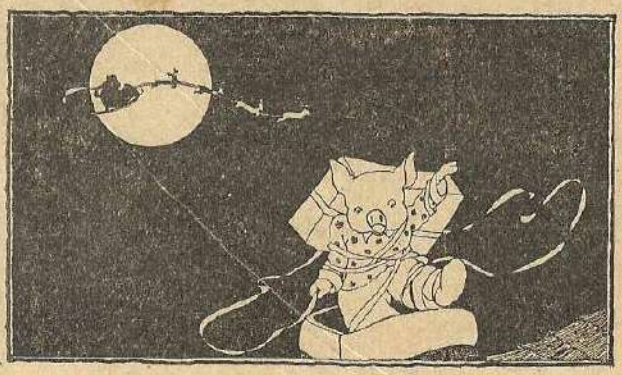
SECÇÃO dos

O PORQUINHO ARTEIRO



O porquinho arteiro estava em vésperas do natal. Que haveria êle de inventar? Sabem? Resolveu esconder-se atrás da porta para espiar S. Nicolau.

Não demorou muito. S. Nicolau chegou, pôs no chão o seu enorme saco de brinquedos. Porquinho não perdeu tempo; enquanto Papai Noel virou-se um pouco, êle entrou com



muita esperteza no saco e disse consigo mesmo: "Agora, sim, vou dar um paseio carregado!"

E S. Nicolau foi-se embora, no seu carro puxado pelos veadinhos e lá se foi também o porquinho arteiro. Passaram por sôbre muitos telhados, como que voando!

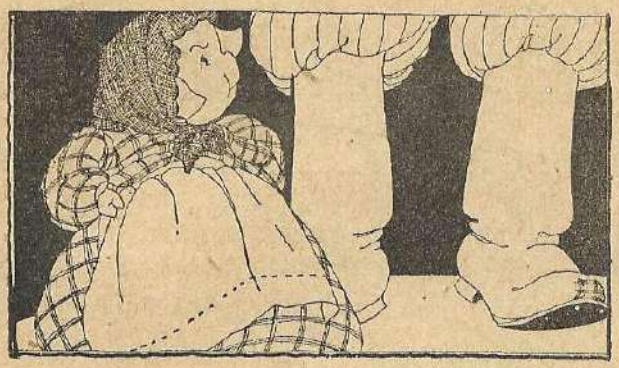
De repente S. Nicolau tirou do saco um embrulho e, cantando uma canção de Natal, atirou-o para dentro de uma enorme chaminé. Ai, o porquinho, coitado! Emaranhado nas fitas do pacote, foi rolando chaminé a dentro.

Quando parou, viu-se na frente de um Gigante. Porquinho começou a tremer de mêdo. O Gigante, satisfeitíssimo com o bom presente, er-

gueu-o pelas orelhas, dizendo: "Então, um porquinho para o natal! Hei-de me regalar. Era o que eu desejava!

O porquinho começou a chorar, gritando: "Isso não é justo, não é, não é!"

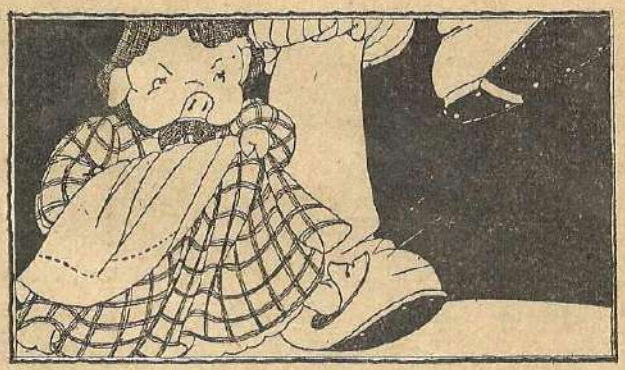
Justamente então ouviu-se novo barulho na chaminé e — *bumba* — no assoalho do Gigante.



— Que? Outro presente? Bom dia, senhora, disse o Gigante, rindo de satisfação.

Era a vovó do porquinho que viera atrás dêle. Ela olhou feio para o Gigante e disse:

— Sou velha, tenho quasi setenta anos e conheço muita coisa. E o que eu sei é que se era sua intenção comer o meu netinho, pode desistir disso. E abra aquela porta já e já, senão eu a derrubo com ponta-pés.



Isto dizendo, a vovó fêz uma cara feia, muito feia e, raivosa, pisou duro nos dedos do Gigante.

O Gigante nem sentiu nada porque a vovó perto dêle era tão pequena que só chegava ao seu joelho. Mas, vendo o quanto ela queria bem ao netinho, ficou com pena dêles e abriu-lhes a porta, deixando-os ir em paz e passar um feliz natal.

De mãos dadas foram êles, mas com a mão direita, para maior segurança, aínda o porquinho arragou duro as duas pontas do avental da vovó.

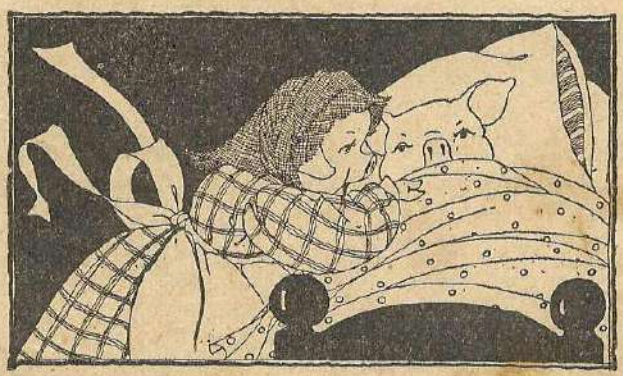
Chegando à casa a vovó pô-lo na cama e depois de cobrí-lo e dar-lhe um beijo, disse meio zangada:

— Então, Porquinho Arteiro, está contente agora com o passeio?

— Ih! Vovó! Que susto! Se não fôsse a vòzinha!

— Eu bem sabia o que andava nessa cachola. Pensa que não o vi escondido atrás da porta? Pois eu também estava à espreita, mas era para ver que arte você iria fazer. Agora fique quieto aí e durma e chega de dar cuidados à vovó.

Mas o porquinho sabia que no íntimo a vovó o estimava e estava contente por o Gigante não o haver comido.



FAÇA SEU FILHO DORMIR...

Copyright de SPES de S. Paulo

Frequentando certas famílias notadamente inglesas, fico sempre encantado com o hábito de ver à hora certa, as crianças despedir-se dos presentes, tomar a benção dos pais e dirigir-se, sem resmungos, sem chôro, sem esperneios, direitinho para a cama. Mesmo que haja festa. Mesmo que a palestra esteja absorvendo sua curiosidade.

Aí está um fato que não é muito comum na família brasileira. O menino, geralmente, é um tiranote endiabrado que faz o que quer.

— Vá dormir, Mingote...
— Ora, mamãe...
— Vá dormir, filhinho, é tarde...
— Deixe ficar mais um pouco...
— Vai, benzinho...
— Ora, não me amole!

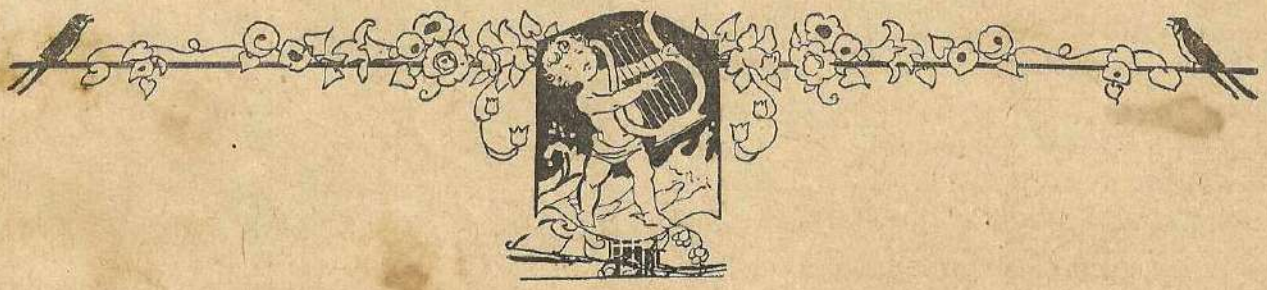
Quando não é a mãe que tolera, é o pai que defende sua criatura: "Ora, deixe êle mais um pouco... Está quietinho..." E o menino tresnoita. Não tem mais hora certa de dormir. Peor que isso: torna-se viciado. Quando o queiram mandar para a cama cedo, bate o pé, agarra-se às pernas das mesas, esperneia, berra...

A criança precisa criar rigorosos hábitos de higiene. Nesse ponto, qualquer tolerância do pai é criminosa. Os meninos necessitam dormir tranquilamente e bastante. "Dormir cedo, levantar cedo" é a velhissíma norma sábia e segura que nenhum novo preceito de higiene revogou.. As crianças que dormem pouco ou mal, pagam duramente essa falta de reverência a Morfeu. Este deus noturno é muito vingativo para todos os que não o respeitam. O menino fica abatido, indisposto, nervoso, impertinente. Começa a desnutrir-se. Perde as côres características da infância para tornar-se um ser pálido, irriquieto, neurastênico.

O hábito de ter hora certa para a criançada ir para a cama, hábito comum ao nosso passado e que os países cultos sempre adotaram com absoluto rigor, deve ser mantido entre nós. São os mimos maternos, as tolerâncias "modernistas" dos pais de hoje que vão quebrando êsse costume com grave prejuízo para as crianças. Mais do que nunca o sono tranquilo se faz necessário, uma vez que o mundo se torna cada vez mais agitado por tanta barulheira, pressa complexidade. Os nervos traumatizados pelo grito das buzinas, dos apitos das fábricas, rádios, bondes, autos, aviões, sem o silêncio sedativo e a ação tônica do sono longo e profundo acabam ficando desmantelados. A criança, inda mais do que o adulto, necessita dêsse sono reparador.

Os pais devem impor rigorosamente o horário das crianças recolher-se ao leito. Haja o que houver. E' mister ser implacáveis, conservar o coração duro, porque a súplica de um filho — um pedidinho, um sorriso ou uma lágrima — têm mais fôrça de corrupção que uma bolsa de moedas de ouro...

MENOTTI DEL PICCHIA



PETISCOS para os Bem-Te-Vistas

Bolachas de S. Nicolau

1 ch. de gordura.
1 ch. de açúcar escuro.
2 ovos.
1 ch. de melado.
5 ½ ch. far. de trigo peneirada.
1 col. das de chá de canela.
½ colherinha de cravo.
1 colherinha de nóz moscada.
3 colherinhas de bicabornato.
1 ch. de leite azedo.

Bata o açúcar e a gordura. Ponha os ovos e o melado. Peneire todos os ingredientes secos. Ponha aos poucos, alternado com o leite. Misture bem. Deixe a massa descansar durante a noite. No dia seguinte abra a massa com o rolo (não muito grossa) e corte em forma de estrêlas. Salpique açúcar cristalizado e asse por 15 m. em forno regular.

Pode guardar numa lata para o dia de Natal, que depois de alguns dias estarão mais gostosos ainda.

Balas frias

½ kg. de açúcar.
1 colherinha de estrato de limão ou de baunilha.
1 col. de água.

Peneira-se o açúcar. Mistura-se a água com a clara (sem bater) e despeja-se sôbre o açúcar. Adiciona-se o estrato. Mistura-se tudo com os dedos e depois de bem misturado, fazem-se as balas, enrolando-as na palma da mão. Em cada uma delas põe-se metade de uma noz.

Seca-se ao sol.

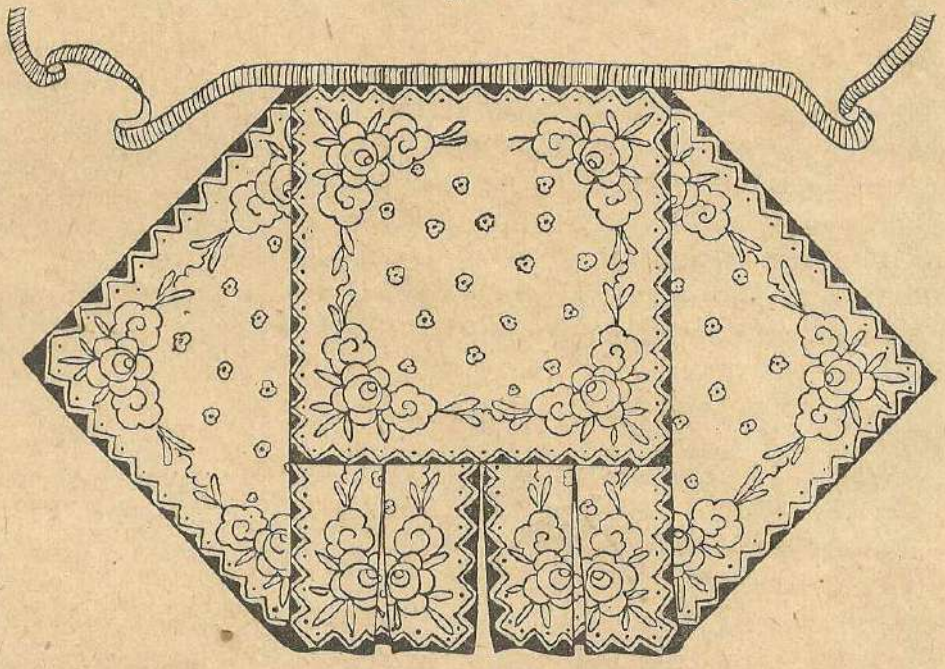
Quadradinhos gostosos

2 ch. de açúcar escuro.
1 ch. de açúcar branco.
1 colherinha de baunilha.
¾ ch. de leite.
½ ch. de castanhas do Pará, raladas ou raspadas.
2 col. de manteiga.

Vagarosamente ferve-se o leite com o açúcar até ponto de bala.

Tira-se do fogo; põe-se a manteiga, mexendo de vagar. Quando estiver menos quente põe-se a baunilha e mexe ou bate; quando começar a engrossar, põe-se depressa a castanha e despeja-se num prato ou mármore untado. Quando esfriar cortam-se os quadradinhos.

Um avental feito de lenços



— Que belezinha! disse Lúcia, vendo a Vera com um avental novo.

— Pois é facílimo de fazer. Aprendí no grupo, com minha professora. Ela sabe tantas coisas!

— E' uma gracinha! Como é que se faz?

— Muito fácil! Basta comprar três lenços dos bem grandes, com desenhos bonitos, todos iguais. Um dêles forma o centro. Córte o segundo pelo meio e, com o ferro, faça em cada metade uma prega e alinhave de um dos lados do primeiro lenço, de modo que êle fique comprido. O terceiro lenço você corta diagonalmente e alinhava cada parte de um dos lados do avental. Passe nas emendas uma costura a máquina. Pregue na cintura um cadarço ou uma tira que combine com a côr dos lenços e pronto.

— Imagine! E fica tão mimoso! Vou fazer um para dar a minha irmã no dia de Natal. Isso mesmo!

QUE FARIAS TU?

O JORNALEIRO

Jair era um menino muito conhecido naquela cidade. De manhã viam-no a entregar os jornais e, à noite, depois do noturno das dez horas, aínda se ouvia a sua voz: "Olha a Noite". Trabalhava muito, mas sempre alegre. Isso é que é bonito. Frequentava a escola depois do almôço e à tardinha muitas vêzes ajudava a mãe a entregar a roupa aos fregueses. Eram só os dois e uma irmãzinha de três anos. Não tinham pai e por serem pobres moravam num porão. Jair entregava à mãe tudo o que ganhava e viviam assim remediados.

Era no mês de dezembro. Aproximava-se o Natal e êle queria muito dar uma lembrança, por pequena que fôsse, à mãe e à irmãzinha, pois natal sem presente não tem muita graça, não é mesmo?

Que haveria de ser? Pensou um pouco e decidiu logo. Para a mamãe havia de ser um chale, um chale grande, de algodão, como ela manifestava desêjo de ter. Custava 18$. E para a irmãzinha ia comprar uma boneca de 5$000. Como haveria ela de pular de contentamento! E aínda mais alegre ficaria Jair porque era êle quem ia dar. Dar... como é bom dar!

Mas Jair aínda não tinha o dinheiro para isso. Era preciso ganhar de gorgeta, pois do seu magro ordenado não podia tirar nada.

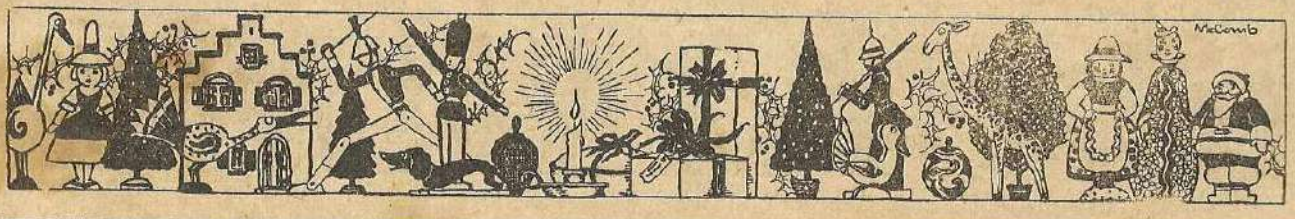
Como nas vésperas do Natal todos são mais liberais, o jornaleiro contava certo com uns cobrinhos extra. Enquanto as crianças, segurando nas mãos dos papais, olhavam as vitrinas, escolhendo seus presentes, êle se redobrava de atividade para vender os jornais. E foi feliz. Em uma semana ganhou de gorgeta, 26$300. Era o suficiente.

Na véspera do Natal Jair chegou à casa um pouco mais cedo. Tomou banho, trocou de roupa e tomou uma tigela de sopa bem quentinha que a mamãe lhe arranjara. Depois ela disse:

— Agora, meu filho, deite-se um pouco para descansar antes de vir o noturno.

Mas o menino não descansou. Uma razão forte o arrastava — queria quanto antes que as lojas se fechassem E só a idéia de que ia ser o Papai Noel, fazia-o sorrir.

Foi ligeiro. Ao passar, porém, por uma ruazinha quasi deserta, pareceu ouvir um gemido. Parou. Começava a escurecer. Seria alguma criança? Era um gemido fraco mas muito triste. Oscar riscou um fósforo e procurou. Era um cão, todo ensanguentado. Teve muito dó dêle. Examinou-o carinhosamente e concluiu ter sido êle atropelado por algum auto, indo alí, longe do movimento, chorar a sua dor. Era grande e bonito mas, parecia agonizar. "Coitado", pensou Jair, "preciso providenciar-lhe algum remédio. Vou levá-lo a farmacia. Mas como?" Farmacia perto não havia e carregá-lo êle não aguentava. Só se chamasse um carro. E di-



nheiro? E' verdade que tinha os 26$300, mas ou o cachorro ou o presente. Decidiu afinal. Chamou o auto e levou o cachorro à farmácia. Explicaria depois o caso à mãe. O farmaceutico limpou-lhe o sangue com algodão embebido em água oxigenada, e untou-lhe os machucados. O cachorro começou a sentir-se melhor; abriu os olhos, depois sacudiu levemente o rabo. Jair sentiu-se já recompensado, tal foi a sua alegria, vendo o cão como que reviver. Em seguida, pagou 10$000 ao farmaceutico e mais 5$000 para o motorista levá-lo a casa. Sua mãe ficou muito contente por ver o bom coração do filho.

Que fez depois? Correu à redação do jornal afim de anunciar o seu achado. Por grande coincidência, na mesma hora, entrava na redação um senhor distinto que também fôra levar um anúncio para sair no dia seguinte sem falta e com letras grandes:

Cachorro desaparecido. Gratifica-se a quem der notícias de um dinamarquês, malhado, que atende pelo nome de Leão.

Telefonar a 4-3608.

O encarregado de receber anúncios leu-os e, sorrindo, disse ao homem:

— Escute o anúncio que acaba de me trazer êste menino: *Cachorro — Encontrei um malhado, grande, quasi morto desastre. Acha-se à rua S. Caetano n.º* 970.

— Será possível? exclama o homem.

— E' do senhor o cachorro? indaga o menino, que acompanhara a conversa dos dois.

— Deve ser. Coitado do Leão. Está então em sua casa? E' longe? Vamos quanto antes, disse o homem aflito.

— Não é muito longe, uns doze quarteirões mais ou menos.

Pelo caminho Jair lhe contou como o encontrara e em que estado se achava.

— Estará morto? perguntou o homem ansioso.

— Não, levei-o à farmácia e deixei-o bem melhor.

Apressaram o passo.

Ao avistar o seu dono, Leão levantou-se e foi, devagar mas muito alegre, encontrar-se com êle.

O homem abraçou-o, caregou-o, acariciou-o e ficou contentíssimo.

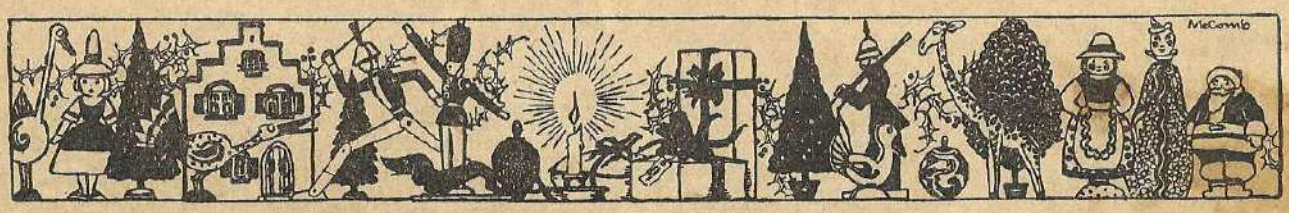
Depois, dirigindo-se ao menino, falou-lhe paternalmente:

— Muito bem, Jair, você tem mesmo um bom coração. Poucos teriam gasto o seu dinheirinho para minorar o sofrimento de um cão. Aquí estão, meu rapaz, os 20$000 que você gastou com êle, e mais 180$000 de gratificação.

E deu-lhe uma nota de 200$000.

Jair que não esperava por, isso, pois não havia lido o anúncio, hesitou um momento em aceitar; depois, animado pela bondade daquele senhor, pegou o dinheiro e agradeceu muito, pois reconhecia ter cumprido apenas com o seu dever.

Que natal alegre puderam êles passar! E além de tudo Jair ficara com mais um freguês para os seus jornais!



O Maravilhoso Mágico de Oz

CAPÍTULO XVII

Como o Balão Escapou

Três dias se passaram sem notícias de Oz. Tristes dias foram êsses para a menina, que não podia partilhar da alegria de seus amigos. O Espantalho parecia um pavão de tão orgulhoso que estava. Dizia ter a cabeça cheia de pensamentos maravilhosos, que nem valia a pena discutir porque ninguém poderia compreendê-los. O Lenhador, quando andava, sentia o coração chocalhar-lhe no peito e dizia a Dorita que Oz lhe dera um coração melhor e mais carinhoso que o que possuia antes, quando era homem de carne e osso. O Leão então garganteava não ter mêdo de nada: era capaz de enfrentar, sòzinho, um exército de homens ou uma dúzia de kalidás.

Pobre Dorita! Só ela estava triste e acabrunhada. Definhava de saudades dos tios. Seu coraçãozinho bateu apressado, quando, no quarto dia, Oz mandou chamá-la. Logo que ela entrou, disse-lhe com tôda a amabilidade.

— Sente-se, minha menina. Creio que descobri um meio de fazê-la sair desta terra.

— E de voltar à casa de meu tio? perguntou ansiosa.

— Isso não sei, pois não tenho a menor idéia da direção em que fica a casa de seu tio. Mas a primeira coisa a se fazer é atravessar o deserto.

— E como é que me vai fazer atravessar o deserto?

— Escute. Como você sabe, cheguei a êste país num balão. Você também veiu pelo ar, arrastada por um ciclone. Concluo daí, que o melhor modo de atravessar o deserto será pelo ar. Ora, é-me de todo impossível fazer um ciclone. Creio, entretanto, que poderei fazer um balão.

— Fazer um balão? Como?

Ao que Oz explicou:

— Um balão feito de seda e coberto de goma para o gaz não escapar. Tenho muita seda aquí no palácio, portanto, não será difícil fazer o balão. A dificuldade é que nesta terra não há gaz para enchê-lo, sem o que êle não poderá subir.

— Ora e esta! Se não subir, observou Dorita, não nos servirá de nada.

— E' verdade, tornou Oz... mas não há outro meio de fazermos subir um balão; podemos enchê-lo de ar quente, embora não seja tão apropriado como o gaz, porque se esfriar, o balão descerá imediatamente e, se descer no deserto, aí é que estaremos perdidos.

— Estaremos? exclamou Dorita. Então o senhor pretende ir comigo?

— Está claro, tornou Oz. Estou farto desta vida. Não arredo o pé dêste palácio e se eu sair o povo logo descobrirá que não sou encantado e então... era uma vez o mágico! Estou cansado de viver encerrado nestas salas, como um passarinho na gaiola. Mil vêzes voltar com você para a Terra dos Viventes e trabalhar outra vez num circo.

— Que bom para mim! Assim não irei sòzinha, disse Dorita.

— Obrigado, respondeu êle; agora, se você me ajudar a coser os pedaços de seda, poderemos começar a fazer o balão.

Sem perda de tempo, Dorita pegou um fio de linha, agulha e, à medida que Oz cortava as tiras de seda, ela, com habilidade, ia cosendo umas às outras. Oz cortou primeiro uma tira de seda verde-claro, depois outra verde-escuro, e em seguida uma terceira verde-esmeralda, pois quís que o balão tivesse tons da côr que os rodeava. Levaram três dias a costurar as tiras. Quando completaram a tarefa, tinham um enorme saco de seda de mais de sete metros de comprimento. Por dentro Oz passou uma goma rala para que o ar não pudesse escapar e deu o balão por terminado.

— Agora só nos falta uma cesta, disse êle.

Mandou o Soldado de Barba Verde buscar uma grande cesta de vime, que prendeu ao balão por meio de muitas cordas.

Quando tudo ficou pronto, Oz mandou anunciar ao povo que ia visitar um poderoso mágico que morava nas nuvens. A notícia espalhou-se ràpidamente pela cidade e os habitantes, em pêso, vieram assistir à maravilhosa partida do mágico.

Oz mandou levar o balão à frente do palácio e o povo todo veiu examiná-lo com curiosidade. O Lenhador de Latão cortou um montão de lenha e ateou fogo nêle. Oz segurou a abertura do balão acima das chamas, para que nêle entrasse o ar quente que saía do fogo. O balão foi inchando, inchando, e começou a dansar no chão. Elevou-se, e apenas a cesta agora tocava no chão.

Quando o balão estava querendo subir, Oz entrou na cesta e disse ao povo, em voz bem alta:

— Parto para fazer visita a um mágico. Enquanto eu estiver ausente o Espantalho reinará em meu lugar. Ordeno-lhes que lhe obedeçam como se fôsse eu próprio.

O balão continuava a dansar, a dansar, forcejando as cordas que o prendiam à terra. Estava cheio de ar quente e portanto mais leve que a atmosfera do local.

— Corra, Dorita! gritou o Mágico. Entre depressa, senão o balão subirá sem você.

— Mas eu não acho Totó, tornou Dorita, e sem êle eu não vou. E agora?

Totó tinha corrido atrás de um gatinho e tinha sumido no meio do povo. Depois de muito procurar, Dorita encontrou-o e correu com êle para o balão. Lá chegando... viu Oz que a esperava ansioso, mas nesse instante as cordas se arrebentaram e o balão começou a subir graciosamente, deixando em terra a pobre da Dorita!

Volte! Volte! berrou ela. Eu também quero ir!

— Voltar? Impossível! Não posso, respondeu Oz. Adeus! Adeus!

— Adeus! gritaram todos.

E, pouco a pouco, viram desaparecer por entre as nuvens, a cesta de vime onde ia o Mágico.

Essa foi a últ'ma vez que os habitantes da Cidade das Esmeraldas viram Oz, o maravilhoso Mágico. Talvez êle tenha chegado à Terra dos Viventes e quem sabe aínda mora lá. Seus súditos guardaram dêle as melhores recordações e diziam uns aos outros:

— Oz foi sempre nosso amigo. Construiu esta bela Cidade das Esmeraldas e agora, indo-se embora, lembrou-se aínda de confiar o govêrno do país ao sábio Espantalho.

Durante dias e dias, lamentaram, inconsoláveis, a perda do Maravilhoso Mágico.

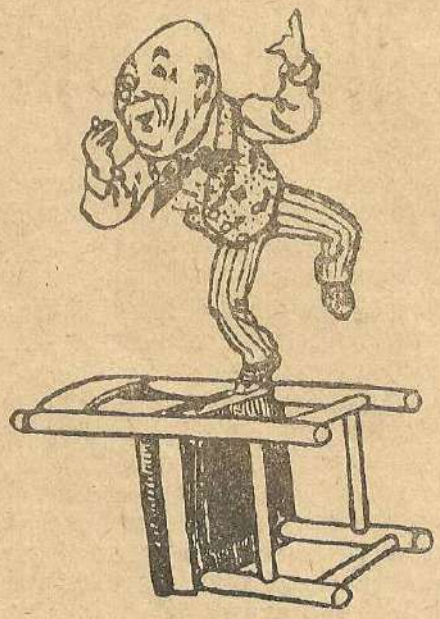
CAPÍTULO XVIII

Novos planos

Dorita chorou amargamente, perdendo por completo a esperança de voltar para casa; depois, porém, de refletir com mais vagar, concluiu que talvez tivesse sido bom não ter subido no balão. Tanto ela como seus companheiros sentiram muito a partida de Oz.

— Eu seria ingrato se não ficasse triste com a perda do homem que me deu tão bom coração, disse o Lenhador. Queria tanto chorar, pelo menos um pouco, mas se eu chorar, já se sabe... fico todo enferrujado. Por isso, faça o favor de enxugar minhas lágrimas, sim?

— Pois não, acudiu Dorita. Espere um pouco que vou buscar uma toalha.



O Lenhador de Latão chorou por alguns minutos e a menina, cuidadosamente, ia enxugando as lágrimas com a toalha. Quando achou que já tinha chorado bastante, o Lenhador agradeceu-lhe e depois azeitou-se bastante com a sua rica azeiteira, para evitar qualquer desastre.

O Espantalho era agora um grande personagem na Cidade das Esmeraldas e embora não fôsse mágico, era o orgulho de todos.

— Eta nós! A nossa cidade sim! E' a única do mundo que é governada por um homem empalhado, diziam êles.

Na manhã seguinte àquela em que Oz os deixara, os quatro viajantes reuniram-se na sala do trono, para discutirem a situação. Inchado como um pavão, o Espantalho sentou-se no grande trono e os outros ficaram respeitosamente em pé, diante dêle.

— No final das contas, disse o novo soberano, não estamos tão mal de sorte. Êste palácio e a Cidade das Esmeraldas nos pertencem. Somos senhores dos nossos narizes. Quando me lembro que inda há pouco eu estava espetado numa vara no meio do arrozal e que agora sou o soberano desta magnífica cidade, quasi nem acredito. Parece-me um sonho!

— Eu também estou satisfeitíssimo com o meu coração, disse o Lenhador de Latão. Era a única coisa no mundo que eu realmente ambicionava.

— E eu, quando me lembro que tenho tanta coragem ou talvez mais do que qualquer outro animal, tenho vontade de dansar de alegria, disse o Leão modestamente.

— Se Dorita também quisesse morar na Cidade das Esmeraldas, continuou o Espantalho, nada nos faltava.

— Mas eu não quero, não quero morar aquí, soluçou Dorita. Quero voltar para a

Terra dos Viventes e morar com a tia Ema e o tio Henrique.

— Então, que devemos fazer? perguntou o Lenhador.

O Espantalho pôs-se a pensar e tanto pensou, pensou, que daí a pouco sua cabeça parecia um ouriço, tôda espetadinha de pontas de alfinetes e agulhas. De repente exclamou:

— Ora já se viu? Por que não chama os macacos alados e não lhes pede que a carreguem através do deserto?

— E' verdade, e eu que não me lembrei disso! exclamou Dorita, tôda contente. Que bela idéia! Vou já e já buscar o barrete de ouro.

Foi correndo buscar o barrete encantado e trouxe-o à sala do trono. Apenas repetia as palavras mágicas e já os macacos alados entravam pelas janelas abertas, vindo postar-se em frente dela.

— E' a segunda vez que nos chama, disse o rei dos macacos, fazendo profunda reverência à menina. Que é que deseja?

— Quero que me levem à Terra dos Viventes, disse Dorita.

O rei dos macacos abanou a cabeça.

— E' impossível, disse êle. Pertencemos a esta terra, e não podemos sair daqui. Até agora nunca houve nenhum macaco alado na Terra dos Viventes e creio que nunca haverá, pois não pertencem àquela terra.

Estamos prontos a fazer o que estiver ao nosso alcance, mas quanto a atravessar o deserto, isso é impossível. Passe muito bem.

O rei dos macacos fêz outra reverência, abriu as asas e desapareceu pela janela, seguido por todo o bando.

Dorita ficou tão desapontada e quasi chorou.

— Desperdicei o poder mágico do barrete de ouro, disse ela. Os macacos alados não me podem ajudar.

— Isso é pena mesmo, disse o bondoso Lenhador de Latão.

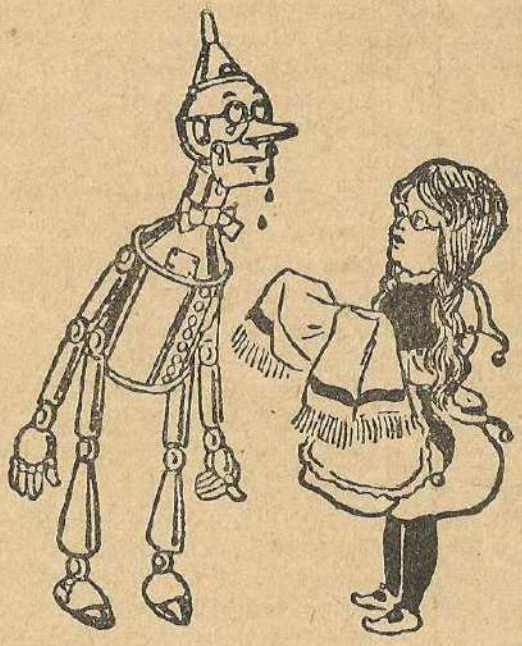
O Espantalho pôs-se a pensar outra vez e sua cabeça inchou tanto que Dorita pensou que ia arrebentar.

— Vamos chamar o Soldado de Barba Verde, disse êle. Talvez nos possa dar algum conselho.

Chamaram o Soldado, que entrou tremendo na sala do trono, pois no tempo de Oz nunca lhe fôra permitido passar além da porta.

— Esta menina deseja atravessar o deserto, disse o Espantalho. Pode dizer-nos como deverá fazer a viagem?

— Homem, para dizer a verdade, não sei, respondeu o Soldado. O deserto nunca foi atravessado a não ser, talvez por Oz.



— O senhor não conhece alguém que possa ajudar-me? perguntou Dorita, resolvida a não poupar esforços para conseguir o que queria.

— Talvez Belinda possa, lembrou êle.

— Quem é Belinda? perguntou o Espantalho.

— E' a Fada do Sul. E' a mais poderosa de tôdas as fadas e governa os quadrinos. Seu castelo fica logo onde começa o deserto; portanto, é provável que ela possa fazer alguma coisa pela menina.

— Belinda é uma fada boa? perguntou Dorita.

— Assim dizem os quadrinos, respondeu o Soldado. Falam que ela é uma beleza, bondosa e amável e que conhece o segrêdo de se conservar sempre moça a-pesar-de já ser bem idosa.

— Mas como havemos de chegar ao seu castelo? indagou Dorita.

— Há uma estrada que vai diretamente para o sul, explicou êle, mas dizem que o caminho é perigoso. Precisam atravessar matas, cheias de feras e também um país habitado por gente muito exquisita, que não quer nem ouvir falar em estrangeiros. E' por isso que os Quadrinos nunca vêm à Cidade das Esmeraldas.

Com isso o Soldado saiu da sala e o Espantalho disse:

— Eu acho que, a-pesar-dos perigos da viagem, Dorita deve ir ao País do Sul e pedir auxílio à Belinda, pois se continuar aqui, claro está que nunca poderá voltar à Terra dos Viventes.

— Você de certo esteve pensando outra vez, observou o Lenhador de Latão.

— Estive, sim, disse o Espantalho.

— Eu vou com Dorita, disse o Leão. Já estou farto de morar na cidade. Estou louco de saudades das matas e dos campos. Qual! Não há como viver em liber-

dade! Além disso, Dorita há de precisar dum protetor.

— Você tem razão, concordou o Lenhador. Talvez o meu machado lhe seja útil, por isso estou resolvido a ir para o sul também.

— Quando partiremos? atalhou o Espantalho.

— Ué! então você também vai? perguntaram todos.

— De certo! Se não fôsse Dorita, não teria obtido minha inteligência. Foi ela quem me tirou do poste no arrozal e me trouxe à Cidade das Esmeraldas. Devo-lhe tôda a minha felicidade e continuarei fiel ao seu lado até ela não precisar mais de mim.

— Muito obrigada, disse Dorita. Não sei como agradecer a vocês, mas eu gostaria de partir o mais cedo possível.

— Partiremos amanhã cedo, decidiu o Espantalho. Vamos aprontar-nos, pois será uma viagem muito comprida.

CAPÍTULO XIX

Atacados pelas árvores guerreiras

Na manhã seguinte, Dorita foi despedir-se da Moça Verde e beijou-a carinhosamente. Tanto ela como os companheiros, apertaram a mão do Soldado de Barba Verde, que os acompanhou até à porta da cidade. O Guarda da Porta ficou espantado ao vê-los dispostos a partir novamente. Não podia acreditar que quisessem deixar outra vez a bela cidade para se expôrem a novos perigos. Contudo, tirou sem protestar os óculos de todos êles, guardando-os na caixa verde. Despediu-se dêles, desejando-lhes boa viagem.

— Não se esqueça de que o senhor é agora o nosso governador, disse êle ao Espantalho. Deve, portanto, voltar logo, não é?

— Estarei aquí logo que puder, respondeu o Espantalho; mas primeiro preciso ajudar Dorita a voltar para a sua terra.

Dorita, ao despedir-se do Guarda, disse-lhe:

— Todos me trataram tão bem e foram tão bons para mim na sua bela cidade que estou confundida. Não sei como agradecer.

— Ora, isso não é nada, tornou êle. Teríamos muito prazer que você ficasse sempre conosco, mas já que prefere voltar para sua terra, espero que o consiga.

Abriu, então, a porta da muralha e os nossos amigos principiaram sua viagem.

O dia estava claro e bonito quando os visitantes se puseram a caminho.

Estavam todos muito animados e iam conversando e rindo. Dorita estava novamente cheia de esperanças e o Lenhador de Latão e o Espantalho iam contentes por poderem ser-lhe úteis. O Leão não cabia em si de orgulhoso. Respirava gostosamente o ar puro e sacudia a cauda, todo dengoso por ver-se de novo em pleno campo. Totó corria de cá para lá a perseguir com latidinhos alegres as ligeiras borboletas.

— Chi! Como é aborrecida a vida das cidades, disse o Leão. Emagrecí que foi um horror, enquanto estive no palácio de Oz. Estou sequinho por encontrar oportunidade de mostrar aos outros animais que agora sou um valentão.

Voltaram-se aínda uma vez para lançar um derradeiro olhar para a Cidade das Esmeraldas. Viram apenas uma multidão confusa de tôrres e pináculos que se elevavam acima das muralhas verdes, destacando-se, por sua altura, a abóbada e as torrezinhas do palácio de Oz.

A-pesar-dos pesares, Oz não era um mágico assim tão velhaco, disse o Lenhador de Latão, que sentia o coração chocalhar no peito.

— Soube dar-me miolos... e que miolos! exclamou o Espantalho.

— Se Oz tivesse tomado uma dose da coragem que me deu, acrescentou o Leão, seria um tigre de tão valente.

Dorita não disse palavra. Oz não cumprira a promessa que lhe fizera. Perdoou-lhe, todavia, vendo que êle tinha feito tudo para ajudá-la. Êle tinha razão quando disse que embora não fôsse um bom mágico, tinha um coração de ouro.

Durante os primeiros dias de viagem, atravessaram os verdes campos, salpicados de alegres florezinhas, que se estendiam ao redor da Cidade das Esmeraldas. Houve noites em que tiveram por leito a relva e por teto apenas o céu estrelado. Contudo, dormiram profundamente.

Logo ao amanhecer, punham-se outra outra vez a caminho. Depois de longa caminhada chegaram a um mato muito cerrado. Que fazer? Rodeá-lo não era possível, pois se estendia de todos os lados a se perder de vista. Além disso não ousavam desviar-se do caminho, temendo perderem-se. Procuravam um lugar por onde a estrada fôsse mais fácil. Procura de cá, procura de lá, afinal o Espantalho descobriu uma árvore muito grande, por baixo da qual poderiam passar. Entusiasmado dirigiu-se para lá, mas assim que pôs os pés debaixo dos primeiros galhos, êles, curvando-se, agarraram-no e com uma fôrça assustadora atiraram o pobre do Espantalho, que lá se foi de cabeça para baixo, cair no meio de seus camaradas.

O coitado não se machucou, mas levou um susto que não foi brincadeira! Estava atordoado quando Dorita o levantou.

— Por aquí também há uma passagem, minha gente! gritou o Leão.

— Esperem que eu vou na frente,

acudiu o Espantalho, porque êsses passeios forçados pelos ares não são muito agradáveis para vocês.

Enquanto falava, dirigiu-se ao lugar indicado. Mal se aproximou, os galhos de uma árvore próxima agarraram-no e atiraram-no para trás.

— Que horror! exclamou a menina. E agora, como há-de ser?

— As árvores parecem estar resolvidas a lutar conosco e a não nos permitir passar, observou o Leão.

— Vou eu tentar, disse o Lenhador.

Com o machado ao ombro, avançou para a árvore que havia tratado o Espantalho com tanta brutalidade. Um galho comprido curvou-se para agarrar o Lenhador, mas êle, que era esperto, com uma terrível machadada partiu-o em dois. No mesmo instante todos os galhos começaram a contorcer-se como se sentissem fortes dôres e o Lenhador passou todo pimpão por baixo da copa agitada.

— Venham! gritou aos companheiros. Depressa!

Todos passaram correndo por baixo da árvore sem que ela lhes fizesse mal. Só o coitadinho do Totó é que foi apanhado por um galho pequeno, sacudindo-o, violentamente; mas o Lenhador, ágil, cortou o galho e libertou o cachorrinho que gania de mêdo e de dôr.

As outras árvores da floresta eram inofensivas; nada fizeram para impedir a passagem dos viajantes que concluiram ser apenas a primeira fileira que podia curvar os galhos e que alí estavam como sentinelas da floresta. Tinham êsse maravilhoso poder para impedir a entrada de estranhos naquele lugar.

Os quatro viajantes caminharam com tôda a facilidade por entre as árvores, até a outra extremidade do mato. Lá os esperava nova surpresa. Na sua frente, erguia-se um alto muro que parecia ser de porcelana branca. Era lizinho como um prato e mais alto do que qualquer dos nossos amigos.

— E agora? Que havemos de fazer? perguntou Dorita.

— O melhor é construir uma escada, disse o Lenhador de Latão. Não há remédio senão transpôr êste muro.

(Continua)

Aprendendo a ser feliz

— Bom dia, vaquinha.

— Bom dia, menininho.

— Aonde vais, vaquinha?

— Vou ao pasto comer capim verde, depois bebo água no córrego e me deito à sombra dalguma árvore para descansar.

— Vaquinha, onde passas a noite?

— Numa estrebaria, grande e muito agradável.

— Eu também corro pelo pasto, vaquinha. Brinco ao sol e, sentindo fome, corro para casa onde encontro coisas gostosas. À noite durmo numa cama bem limpinha.

— Todos os dias, menininho, digo "muito obrigada" a meu dono.

— Como dizes, vaquinha?

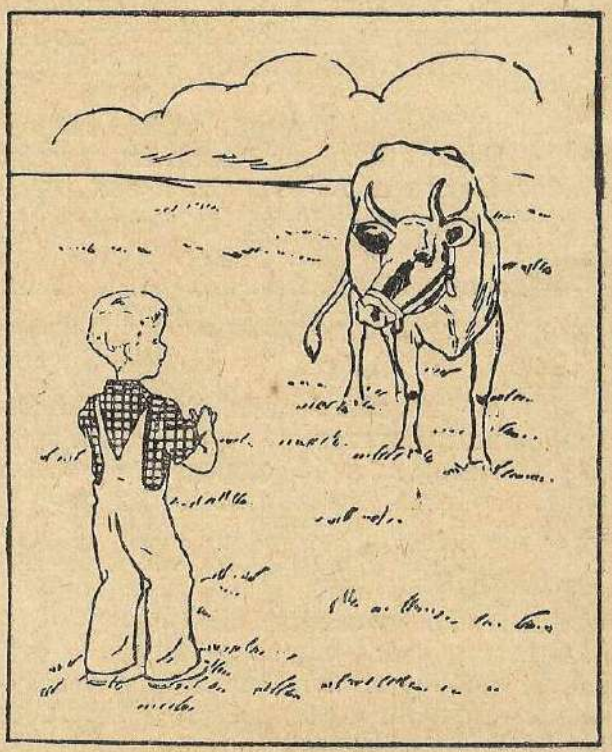
— Passando o dia todo alegre e de bom humor. Isso quer dizer, "muito obrigada". Dou-lhe também meu leite bom e gostoso, o que significa a mesma coisa: "muito obrigada".

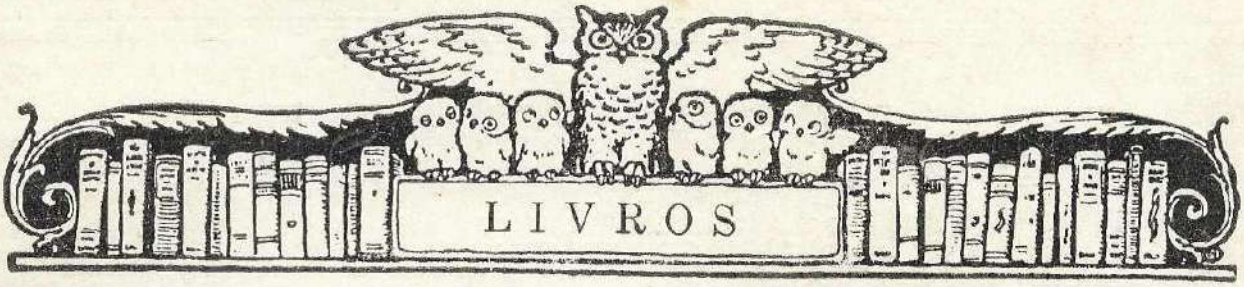
— Então eu também vou ser agradecido por tudo o que tenho, passando o dia bem contente e de bom humor.

— E assim, menininho, serás feliz.

— Até logo, vaquinha.

— Até logo, menininho.





QUEM É QUE SABE?

1) Completar : *Sôbre tudo o que deves guardar, guarda...*
2) Por quem foi concebida a nossa atual bandeira ?
3) Qual o pintor que a desenhou ?
4) Quem a propôs ao govêrno ?
5) Quèm descobriu os ráios X ?
6) Corrigir : Faço questão que você fique entre eu e ela porque preciso muito falar consigo.
7) Que instrumento musical é usado para principiar fogo ?
8) Qual o médico que fundou a primeira Creche no Brasil ?
9) Operar com quatro noves (9) aproximando-os ou fazendo qualquer das quatro operações fundamentais da aritmética, de maneira a se obter o número 100.
10) Em uma garrafa que continha ¾ de vinho, ponho ¼ de água. Depois tiro ½ da mistura e acabo de enchê-la de agua. Quanto de vinho puro haverá então na garrafa ?
11) Quem é que já renovou sua assinatura do Bem-te-vi para 1941 ?
12) Que nome de mulher é um adjetivo no gráu superlativo absoluto sintético ?
13) Quantas vezes a princesa Isabel exerceu a Regência ?
14) Quando foi adotado no Brasil o sistema métrico ?
15) Qual o servo de Deus que subiu ao céu num redemoinho ?

Respostas às perguntas de novembro :

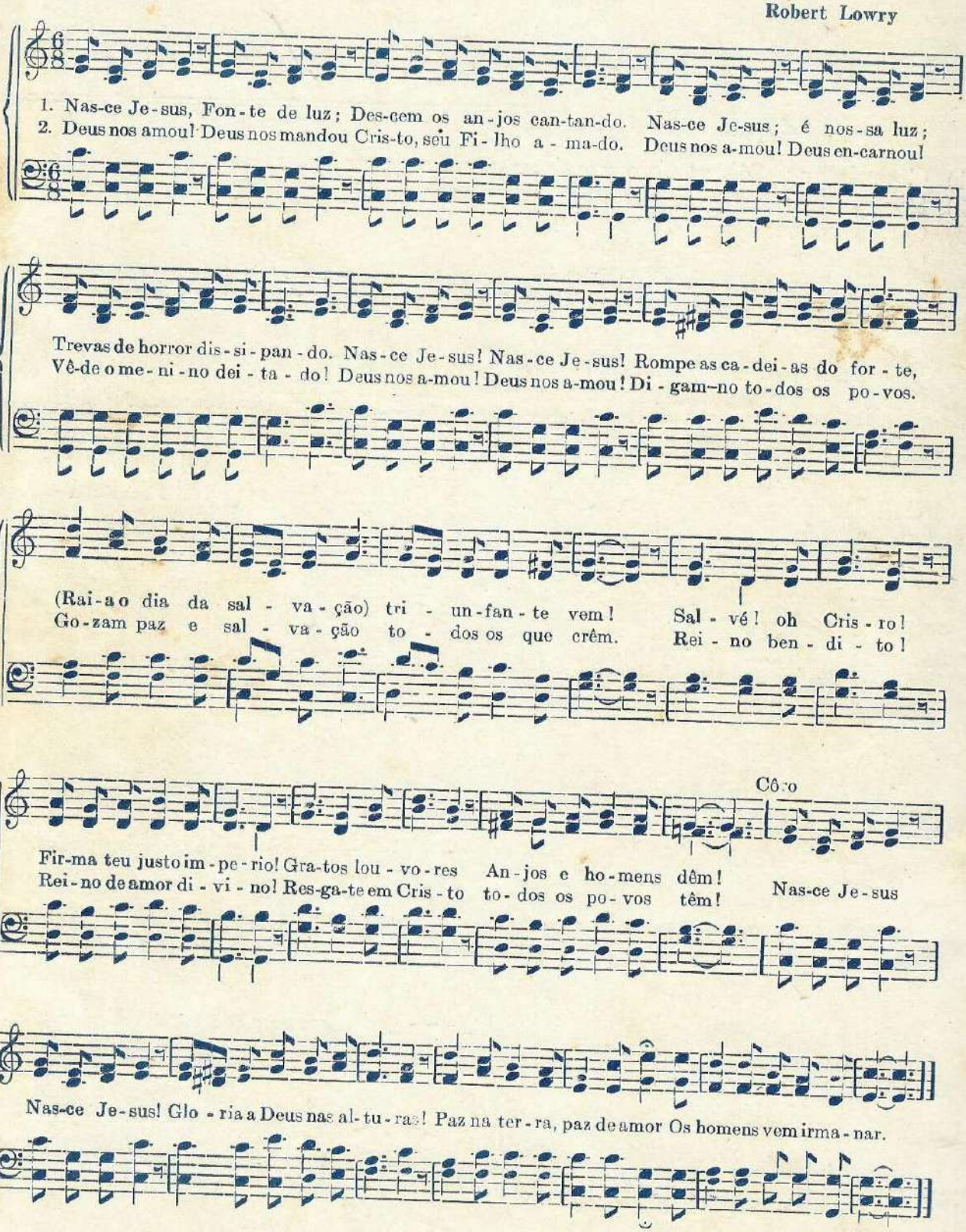
1) *...assim como para o céu o vistes ir.*
2) Em Babilônia, pela rainha Semíramis e constituiam uma das sete maravilhas do mundo.
3) Litro.
4) O Lago de Van, na Arménia.
5) Iguassú, Paulo Afonso e Sete Quedas.
6) Os tupís, que já eram um pouco civilizados ; estes habitavam mais o litoral e os tapuias preferiam o interior.
7) Vou à cidade fazer compra mas às três horas estarei em casa.
8) No ante-braço.
9) O macaco do automóvel
10) Onipotente — que tudo pode ; oniciente — que tudo sabe ; onipresente — que está presente em tôda parte.
11) O maxixe.
12) Banjo (sem o b fica anjo).
13) IV.
14) 60 %.
15) Gênesis, o primeiro livro da Bíblia.

JESUS CRISTO

NASCIMENTO

Natalício

Robert Lowry



(Alleluias)